

ESTÓRIAS DE LEITURAS

Margareth Brandini Park*

Numa dessas tardes sem fim, conversávamos eu e uma amiga sobre nossas estórias de leitura. Num dado momento, uma pergunta feita trouxe-nos um grande silêncio.

A pergunta era:

- Por que você se aproximou dos livros e por que gosta de ler?

Talvez o medo de não conseguir passar o gosto das madeleines de Proust nos tivesse calado. Transformar este encanto? Nunca.

E o silêncio se fez diálogo em pensamento. Em memória. Na busca da história, essa.

Minha mãe bordava. Coisas maravilhosas. Ponto por ponto, como gostava de falar.

Lentamente, os pontos preenchiam vazios e formavam um conjunto harmonioso chamado por ela de motivo.

Por muito tempo questioneei essa palavra, motivo, que sem dúvida era mais que o desenho.

Os bordados preenchiam tardes e tardes e existia neles uma finalidade.

Com a venda dos bordados comprávamos livros, revistas, gibis. Livros considerados sérios, romances de Madame Delly, revistas sobre crimes (uma tal X9) e todo o material impresso que conseguíamos de segunda mão.

Havia ainda os livros de patrimônio familiar. Herança de outros tempos...

Lembro-me de uma pequena coleção dos compositores clássicos: Liszt, Mozart, Beethoven.

Nós não tínhamos toca-discos mas na casa de minha avó havia uma eletrola de manivela. Sendo assim, nos intervalos de leitura minha mãe falava sobre a música e a imaginação encarregava-se do restante.

Dois livros chamavam particularmente minha atenção. Por motivos diferentes. Um era o de título "Homens que fizeram o Brasil". Desconfiava

* Aluna da Pós-Graduação - Faculdade de Educação/UNICAMP

dele pois para mim o Brasil sempre esteve decididamente feito. Outro ponto era que o livro era muito fino para que coubesse nele todas as vozes e as pessoas que tivessem passado por aqui e contribuído com seu trabalho, suas histórias e esperanças. Não o li e sempre o espreitava com desconfiança, embora tenha chegado a consultá-lo para trabalhos escolares.

O outro livro era Dom Quixote, de Cervantes.

A figura maluca. O lutador, o diferente.

Cômico e triste!

Eu amava os moinhos de vento onde sempre procurava tulipas. Deveria haver, escondidas em bulbos sob a terra, prontas para brotar a qualquer instante. Isto porque moinhos de vento tinham tudo a ver com tulipas. Imagens construídas. Referenciais montados.

As tulipas não brotavam nas ilustrações, mas D. Quixote, sem dúvida, era tanto espanhol quanto holandês e outras nacionalidades mais...

Achava lindo como se arremessava, lança em riste, combatendo seus moinhos. Talvez porque nossos desafios muitas vezes não passam de moinhos de vento aos olhos das outras pessoas...

Lia de tudo um pouco. Sem critérios tantos, de idade, adequação etc. Simplesmente lia.

Muitos incidentes escolares e religiosos aconteceram. A base dos problemas estava sempre na tal adequação.

Sentada, lendo, enquanto minha mãe bordava, eu pensava que os pontos no tecido pareciam as letras no papel, que a trama e a tessitura do bordado eram o mesmo que a trama da estória.

Tudo se embaralhava e ficava tão parecido. Letras e pontos preenchendo vazios, formando desenhos, enredos. Puro trabalho mágico.

Os pontos formavam desenhos. As palavras, frases. O conjunto dos desenhos, o motivo. O conjunto das frases, o texto e o todo, nos dois casos, o prazer!

Às vezes pensava que não era à toa que falavam que quem lia muito enlouquecia.

Também, a cumplicidade de sentidos só pode ser enlouquecedora para o nosso mundo repleto de limites...

Se tivesse que resumir, diria que a permissão de minha mãe foi fundamental. E aprendi a ler, lendo. Coisas boas ou ruins. Estabeleci meus critérios de boa ou má literatura que obviamente mudaram e ainda mudam, com o tempo e os *et ceteras*...

Pensava que tinha sido muito diferente, essa mesma época, na biblioteca. Biblioteca esta, de cidadezinha de interior, dentro da própria prefeitura.

Havia nela uma bibliotecária idosa que nutria por mim sentimentos contraditórios. Muitas vezes a ouvi me elogiando. Sempre para outras pessoas. Afinal, eu era a mais assídua freqüentadora daquela idade. Por outro lado, eu questionava muito e permanentemente invadia as prateleiras delimitadas. Isso ela falava para mim...

Tive que usar de muitos artifícios para conseguir obras desejadas.

Porém, incursionando pela memória, lembrei-me de um fato que mudou o meu sentimento em relação ao “espaço da Biblioteca”.

Numa ocasião, me interessei por um livro chamado *Chocolate pela manhã*. Nem especulando consigo pensar no possível motivo pelo interesse. Seria porque não gostava de chocolate e a idéia de “pela manhã” me provocava náuseas?

Não sei. Peguei o livro e levei à mesa da bibliotecária. Talvez passasse despercebido (era das estantes proibidas).

Não passou!

Olhos nos olhos ela disse: Não é possível que, com tantos livros, você sempre esteja tentando pegar aqueles que não são adequados. Um dia você irá compreender...

Fui para casa raivosa e decidida! Minha mãe tirará o livro para mim...

E assim foi feito.

Numa medida de força, infantil, fui junto e, para minha surpresa, a bibliotecária nem pestanejou. Agiu com a maior naturalidade, falou sobre o livro e entregou-o nas mãos de minha mãe, olhando nos meus olhos!

Um dia você irá compreender...

Muito tempo se passou e hoje entendo que ela seguia regras. Regras, porém, que poderiam ser quebradas, assim como foram seguidamente... O caminho a ser percorrido na Biblioteca era outro. Sem dúvida! Mas não posso negar que houve permissão.

A estória do tal livro era sobre, se não me engano, um grupo de moças que moravam juntas num Colégio e falavam sobre seus sentimentos e seu cotidiano. Muita liberdade para a época...

A maior lembrança dele foi, porém, o papel. Mais liso que o costumeiro, provocando uma sensação agradável quando meus dedos escorregavam sobre suas páginas num delicioso sobe e desce.

O silêncio já incomodava e para quebrá-lo disse à minha amiga:
- A Literatura assemelha-se a um bordado. Tessitura de Letras e
Pontos são coisas mágicas...

Pura alquimia!

E calei-me para não comprometer as madeleines de Proust...